

Jacques Brasseur

HISTÓRIA CONCISA  
DA  
ÁFRICA TROPICAL

# ÍNDICE

<b>Introdução</b> . . . . .	11
<b>Capítulo 1. Aspectos gerais</b> . . . . .	15
Geografia . . . . .	16
Os nomes de África. . . . .	17
Demografia . . . . .	17
Saúde . . . . .	19
Agricultura . . . . .	20
Diferenças de desenvolvimento . . . . .	25
Trocas, comércio, moedas . . . . .	27
As trocas através do Sara. . . . .	30
Guerras, antropofagia, sacrifícios humanos, escravatura . . . . .	34
Fome . . . . .	36
As línguas e a escrita. . . . .	37
Ciências e técnicas . . . . .	40
A roda. . . . .	41
O ferro . . . . .	42
A organização social e política. . . . .	44
<b>Capítulo 2. Pré-História</b> . . . . .	49
A Pré-História antes da agricultura: o Paleolítico . . . . .	49
A Revolução Neolítica: aparecimento da agricultura e da pecuária. . . . .	54
Agricultura e demografia. . . . .	59
<b>Capítulo 3. Reinos e impérios</b> . . . . .	61
Nordeste de África . . . . .	61
Núbia (Cuxe) . . . . .	61
Axum e Etiópia. . . . .	63
África Ocidental . . . . .	70

Sudão . . . . .	71
O antigo Gana (800-1076) . . . . .	73
Mali (1240-1400) . . . . .	77
Império Jalofo (1350-1549) . . . . .	80
Songai (1450-1591) . . . . .	81
Canem-Bornu (séculos IX-XIX) . . . . .	85
Estados haúças . . . . .	86
Guiné . . . . .	88
<b>Capítulo 4. A expansão banta . . . . .</b>	<b>91</b>
África Central . . . . .	91
África Oriental . . . . .	97
O interior . . . . .	97
A costa . . . . .	101
África Austral . . . . .	107
<b>Capítulo 5. O impacto português – séculos XV-XVI . . . . .</b>	<b>113</b>
Causas . . . . .	115
África Ocidental . . . . .	118
África Central . . . . .	127
África Oriental . . . . .	129
África Austral . . . . .	134
O declínio da influência portuguesa . . . . .	136
Conclusão. . . . .	138
<b>Capítulo 6. Escravatura. . . . .</b>	<b>141</b>
O tráfico atlântico de escravos (1518-1867) . . . . .	142
Uma arbitragem global . . . . .	142
Os primórdios. . . . .	144
Dados . . . . .	146
Causas . . . . .	147
O papel do açúcar. . . . .	149
Moedas . . . . .	151
Trocas. . . . .	154
Condições. . . . .	160
Escravidão interna. . . . .	162
O tráfico oriental de escravos (650-1920) . . . . .	167
Efeitos do tráfico escravagista . . . . .	173
Consequências demográficas. . . . .	173

O tráfico escravagista e a acumulação de capital na Europa. . . . .	176
Consequências económicas e sociais para África . . . . .	179
Aspetos políticos . . . . .	182
O fim do tráfico escravagista . . . . .	184
Os factos . . . . .	184
As razões da abolição . . . . .	191
As consequências. . . . .	194
Conclusão. . . . .	196
<b>Capítulo 7. África no século XIX, entre tráfico esclavagista e colonização. . . . .</b>	<b>199</b>
No Oeste africano . . . . .	199
O islão . . . . .	200
Os Europeus . . . . .	202
Os missionários. . . . .	206
O comércio . . . . .	208
Na África Central. . . . .	212
Na África Oriental . . . . .	214
Etiópia . . . . .	214
A costa suaíli e o interior. . . . .	215
Na África Austral. . . . .	220
Coissãs e Bantos, Bóeres e Ingleses . . . . .	220
A revolução mineral sul-africana . . . . .	229
Diamantes . . . . .	229
Ouro . . . . .	232
Disputa por África ( <i>Scramble for Africa</i> ) . . . . .	234
Factores políticos . . . . .	234
Factores económicos. . . . .	238
Conclusão. . . . .	239
<b>Capítulo 8. Colonização. . . . .</b>	<b>241</b>
Os tempos coloniais . . . . .	241
A grande crise africana do final do século XIX . . . . .	247
A economia colonial . . . . .	250
As infraestruturas . . . . .	250
A agricultura . . . . .	252
O comércio . . . . .	258
A indústria . . . . .	262
As políticas económicas . . . . .	265
A moeda . . . . .	267

A demografia . . . . .	268
A imigração europeia. . . . .	271
A educação . . . . .	272
Rumo à independência . . . . .	274
<b>Conclusão. Desde as independências . . . . .</b>	<b>.277</b>
<b>Anexos . . . . .</b>	<b>.287</b>
<b>Bibliografia . . . . .</b>	<b>.289</b>

# INTRODUÇÃO

*Africans have been and are the frontiersmen who have colonised an especially hostile region of the world on behalf of the entire human race. That has been their chief contribution to history.*<sup>1</sup>

John Iliffe, 1995

Nesta obra, estudaremos a história económica do continente abaixo do Norte de África desde as origens da Humanidade, que se situam precisamente em África. Trataremos da África Negra<sup>2</sup> (ou África Tropical), deixando de lado o mundo árabe no Norte de África, universo cujas características e história são muito diferentes.

O facto de selecionar a África Subsariana também permite omitir o Antigo Egito, que, pela extraordinária riqueza e incrível duração, careceria de obras inteiras. Além disso, com os estudos de Cheikh Anta Diop, retomados por muitos outros autores, como Basil Davidson<sup>3</sup> (1994), sobre o facto de o Egito faraónico pertencer à África Negra (como, por exemplo, a figura e os traços da Esfinge de Gizé parecem mostrar<sup>4</sup>), não é inútil evitar todas as controvérsias a este respeito<sup>5</sup>, que também nos fariam desviar do rumo da obra. Em suma, com Cheikh Anta Diop, podemos dizer

---

<sup>1</sup> «Os Africanos foram e são os pioneiros que colonizaram uma região particularmente hostil do Mundo em nome de toda a espécie humana. Esse foi o seu principal contributo para a História.»

<sup>2</sup> Embora este termo seja evitado hoje em dia, por razões explicadas por Catherine Coquery-Vidrovitch (2011): «A denominação “África Negra” é uma herança colonial que implica definir todos os habitantes do subcontinente pelo seu aspeto físico, pela sua cor da pele, que está longe de ser tão uniforme quanto esse adjetivo dá a entender.» Acontece o mesmo com a expressão *África pré-colonial*, «que antecipa e projeta no passado um estado e processos que surgiram tarde na história do continente» (*ibid.*).

<sup>3</sup> Ver “The Ancient World and Africa: Whose Roots?”, in Basil Davidson, *The Search for Africa | History, Culture, Politics*, Nova Iorque: Times Books, 1994.

<sup>4</sup> A população do Antigo Egito parece ser ao mesmo tempo branca de língua hamítica e negra provinda das províncias do Sul, sobretudo no momento da conquista nubiana que estabeleceu a 25.<sup>a</sup> dinastia.

<sup>5</sup> Ver, por exemplo, François-Xavier Fauvelle, *L'Afrique de Cheikh Anta Diop: histoire et idéologie*, Paris: Karthala, 1996.

que a glória do Antigo Egito é obviamente africana, que também foram africanos que criaram uma das civilizações mais brilhantes de todos os tempos e estiveram na origem do desenvolvimento das ciências e técnicas. Mas quem poderá duvidar disso? As civilizações surgem e desvanecem-se, nenhum povo tem vantagem eterna sobre os outros, os homens são obviamente todos iguais, capazes do melhor e do pior, todos os povos passam por grandeza e declínio. Mas a questão não é essa: se o Egito esteve efetivamente na dianteira do mundo inteiro durante milénios, o facto é que perdeu depois esse avanço; e se os Africanos contribuíram para criar essa extraordinária experiência, a diferença entre a África Subsariana e o resto do Mundo acentuou-se posteriormente, durante milénios, a ponto de a escravatura e a colonização terem sido possíveis, e é essa grande divergência que importa tentar explicar. Por outro lado, a África Central, a África Austral e, em menor grau, a África Ocidental mantiveram-se, inclusive na época dos faraós, em larga medida afastadas dessa civilização, tal como evidentemente a Europa e o Magrebe no mesmo período. Assim, quando Cheikh Anta Diop diz que «a África egípcia está para a cultura africana como a Antiguidade greco-romana está para a cultura ocidental», podemos pensar que essa influência se limita às regiões a sul do Egito, como a Núbia e a Etiópia, mas que pouco afetou a restante África (Ocidental, Central ou Meridional). Se a cultura grega marcou definitivamente a Europa Ocidental, é difícil imaginar uma relação similar entre o Egito e o resto do continente.

África é um continente porque os geógrafos assim decidiram, tal como a Europa, que não tem, todavia, nenhuma clara e evidente separação da Ásia. No caso de África, é mais nítida: a sua massa terrestre está efetivamente separada da Ásia pelo Mar Vermelho e pelo Sinai, o resto está cercado de oceanos. Se, porém, olharmos de mais perto, a verdadeira separação geográfica, natural, é a do Sara, outro oceano. E o Norte de África pertence cultural, histórica e geograficamente ao mundo mediterrânico e não à África Negra, tendo, portanto, uma história que se confunde com a da Europa e do Médio Oriente, sendo banhado igualmente pelo imenso mar quase fechado que vai das Colunas de Hércules ao Bósforo e ao Canal do Suez.

Após o colapso da civilização de Meroé, no século IV, devido ao esgotamento dos solos, afirmou-se que os seus habitantes se teriam refugiado na África Ocidental através do Sael e levado as suas técnicas e conceção de Estado, o que teria originado os impérios e as práticas de fabrico do ferro. Porém, nenhum vestígio permite sustentar tal hipótese, pois os povos da África Ocidental e os Bantos inovaram e criaram a sua civilização sem o contributo da cultura egípcia ou influenciada pelo Antigo Egito, ao contrário da Núbia ou de Meroé.

De qualquer modo, como Fage & Oliver (1990) fazem notar, o atraso de África é apenas relativo. Se considerarmos os outros continentes, como a Oceânia ou a América, que estavam ainda no estágio paleolítico na altura da chegada dos Europeus, África era povoada de agricultores que dominavam a técnica do ferro e estava dotada de estados organizados, razão pela qual resistiu mais tempo à conquista e à implantação europeias, exceto no Sul do continente. Os povos da Austrália e da América não conheciam nem a agricultura nem os metais:

*Assim, na época histórica, o atraso de África foi apenas um atraso relativo por comparação com o desenvolvimento humano nas regiões mais favorecidas da Europa e da Ásia. Nos tempos pré-históricos, pelo menos durante milénios do Paleolítico ou da antiga Idade da Pedra, África nem sequer estava atrasada, mas no comando.*

A divisão cronológica é diferente da divisão tradicional da historiografia ocidental, Pré-História (Paleolítico, Neolítico) e História (Antiguidade, Idade Média, Tempos Modernos, Época Contemporânea). Poderemos recorrer a ela, pois tem a vantagem de oferecer longos segmentos do passado inteligíveis, com datas e épocas bem definidas, mas essa divisão nem sempre se adapta facilmente à história africana. Para Philip Curtin *et al.* (*African History*, 1995), «*The old sequence of ancient, medieval, and modern is obvious nonsense for Africa*» – e a expressão «Idade Média» não faz sentido no caso de África, porque aí esse período não é um ponto equidistante de duas épocas precisas, como entre a Antiguidade e os tempos modernos na Europa, e, por conseguinte, «os historiadores de África carecem ainda de termos geralmente aceites para designar diferentes épocas». Curtin propõe que se refiram as divisões estranhas a África através da expressão *era islâmica* (de 750 a cerca de 1750), milénio durante o qual o Islão é «a mais criativa de todas as civilizações», o melhor herdeiro da Grécia, de Roma e da Pérsia, no centro das trocas mundiais. O segundo período é o da era europeia, após 1750, embora fosse porventura mais judicioso fazê-lo começar no século XV, com os grandes avanços marítimos de Portugal.

Davidson sugere denominar *Early Iron Age* («Tenra Idade do Ferro») o período do primeiro milénio da nossa era, começando efetivamente em 400 a.C. com Meroé e indo até ao ano 1000, e o período a seguir a 1300, «Idade Madura do Ferro» (*Mature Iron Age*), caracterizada por uma arte refinada, uma agricultura evoluída, elaboradas técnicas mineiras (ouro, cobre, estanho e ferro), levando às primeiras entidades políticas na África Ocidental (Gana e Império de Canem-Bornu). Entre ambas, de 1000 a 1300, ele distingue um «período intermédio» e, após a *Mature Iron Age*, por



volta de 1600, uma «era de transição», conduzindo ao período do tráfico escravagista e da colonização.

Trata-se, no entanto, de um imenso continente, com evoluções muito diferentes nas suas partes: a África Ocidental não tem a mesma história da África Austral, da África Central ou da Etiópia. Além disso, a fragmentação é extrema: contam-se, por exemplo, mais de 1500 línguas e os grupos étnicos são ainda mais numerosos, o que faz com que nenhuma história de África possa ser completa. Começaremos, apesar disso, pela Pré-História antes do advento da agricultura; trataremos em seguida o período neolítico, no final da Pré-História; posteriormente, a constituição de estados organizados, antes de abordarmos os séculos de tráfico escravagista, a colonização e, por último, a evolução desde 1960 e as independências. Contudo, o primeiro capítulo, fora da cronologia, abordará alguns traços gerais do continente.